

MARIA: ÍCONE DA GRAÇA

MARY, ICON OF GRACE

*Antonio Carlos Tedesco**

Resumo: O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27) em um estado de graça original, contudo, devido a entrada do pecado na história da humanidade e conseqüentemente a perda desta graça, Deus em sua infinita bondade resolveu visitar a sua criatura através do nascimento de seu único filho, Jesus de Nazaré Lc 1, 26-38, e para isso escolheu uma mulher de nome Maria onde o anjo Gabriel a saudou “alegra-te cheia de graça” e desde então o ser humano teve acesso a graça doada por Deus novamente. Como proclamou o Concílio Vaticano II: “por amor de nós homens, e para nossa salvação desceu dos céus e se encarnou na Virgem Maria, por obra e graça do Espírito Santo” (L.G 52).

Palavras-chave: Graça. Pecado. Cheia de Graça.

Abstract: Man was created in the image and likeness of God (Gen 1:27) in a state of original grace, however, due to the entry of sin into the history of humanity and consequently the loss of this grace, God in his infinite kindness decided to visit his creature through the birth of his only son, Jesus of Nazareth Lc 1, 26-38, and for this he chose a woman named Mary where the angel Gabriel greeted her “rejoice full of grace” and since then the human being has had access the grace given by God again. As the Second Vatican Council proclaimed: “for the love of men, and for our salvation, he descended from heaven and became incarnate in the Virgin Mary, through the work and grace of the Holy Spirit.”

Keywords: Grace. Sin. Full of Grace.

Introdução

Deus, sendo o autor de tudo, ao criar o gênero humano, cria-o a sua imagem e semelhança, cria-o em estado de justiça e santidade (Gn 1,26), os santos Padres diziam que “A nossa alma, é uma imagem viva da Santíssima Trindade, uma espécie de retrato em miniatura, porque o próprio Espírito Santo imprime-se nela, como um sinete sobre cera branca, e assim grava sua divina semelhança” (TANQUEREY, 2018, p. 111), sendo assim, a semelhança divina esta impressa em nossa alma.

Sim, criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26), e dotado da gratuidade divina, um estado de graça, esta, faz-nos participantes de sua bondade. São Tomás de Aquino descreve assim: “E porque a graça está acima da natureza humana, não pode ser substância ou forma substancial, mas é forma accidental na alma” (TANQUEREY, 2018, p. 95), assim participamos da grande bondade de Deus por nós, bondade infinita, que foi derramada no gênero humano desde a sua criação. Comentando São Tomás de Aquino, diz o teólogo Tanqueray. “Para melhor explicar seu pensamento aquilo que está substancialmente em Deus é nos dado acidentalmente,

* Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: kaltedescompregador@gmail.com

e faz-nos participar de sua vontade” (TANQUEREY, 2018, p. 111), portanto, desde a criação do gênero humano, este é criado em um estado de graça original que o faz semelhante e imagem do Criador, uma graça paradisíaca.

Contudo, sabemos que o ser humano não permanece neste estado, então neste artigo, abordaremos este estado de “graça original”, a queda deste estado, ou seja, a entrada do “pecado original”, e, por fim, a recriação do gênero humano na Encarnação do Verbo (Jo 1,14), ou seja, a recriação em Cristo Jesus.

1 A graça em seu “estado original”

Santo Agostinho de Hipona é o defensor da gratuidade divina, para ele a graça é derramada por Deus desde a criação do gênero humano, assim diz então este Padre da Igreja Latina: “Deus dotou o homem de vontade reta, criará o com ela aquele que tudo faz bem”, (AGOSTINHO, 1999, p. 68). Sabemos que o homem em seu estado original, foi criado por Deus, sem a mancha do “pecado original”, portanto, seu estado era de uma “graça original”, ouçamos o santo doutor: “Adão, porém, no lugar de delícias, sem tentações e tormento desta luta, gozava de paz consigo mesmo” (AGOSTINHO, 1999, p. 66), portanto, alguns autores denominam este estado de “graça paradisíaca”.

As Sagradas Escrituras, no livro da criação, em seus primeiros capítulos, mostram a potência de Deus em ação: “E Deus disse: haja luz” (Gn 1,3), e logo continua o autor sagrado “e houve luz” (Gn1, 3b), sim, agindo Deus, quem impedirá? É isto que o profeta Isaías descreve: “Desde sempre eu sou, não há quem possa livrar de minha mão! Eu farei, e quem poderá impedir? (Is 43,13). Retornando ao livro do Gênesis, ficamos admirados com o ato da criação divina, pois nos traz o seguinte relato bíblico: “Deus criou o ser humano a sua imagem, a imagem de Deus o criou, homem e mulher o criou” (Gn 1, 27) sim, de todos os seres criados apenas o homem recebe o selo indelével da imagem e semelhança Divina, pois, pelo sopro de sua boca, ele cria todas as forças celestes (Salmo 33,6), apenas um pode dizer, sou a imagem daquele “que É”, por isso declara Santo Agostinho: “Fomos amados quando ainda não tínhamos amor.” (AGOSTINHO, 1999, p. 241). O Apóstolo Paulo chega a afirmar que este amor de Deus para com o gênero humano está sendo derramado na humanidade antes da fundação do mundo, uma eleição Divina até mesmo antes do mundo ser criado, pois assim diz as Escrituras Sagradas, “Deus nos escolheu, antes da fundação do mundo” (Ef. 1, 4).

Mas o que, e como seria então este estado da “graça original”? Observemos o comentário de Etiénne Gilson, que lança luz para nos ajudar a compreender:

Sendo o Soberano bem, Deus se basta, assim, é livremente e gratuitamente que ele dá tudo o que dá e, neste sentido, não há qualquer uma de suas obras que não seja uma graça. Para ser, o homem não deveu merecê-lo, pois, para merecer, primeiramente teria sido necessária que fosse. Ora, não sendo, não obstante, ele foi feito, e não apenas feito como uma pedra ou um animal, mas feito a imagem do seu criador (GILSON, 2007, p. 280).

Assim então conseguimos compreender que por uma gratuidade divina, o homem é criado por Deus, em um estado de graça e que sua alma gozava de uma paz perfeita, restava apenas preservar neste estado, de “amor”, e de “privilégios”, novamente podemos recorrer a Santo Agostinho quando diz: “A natureza do homem foi criada no princípio sem culpa e sem e vício nenhum” (AGOSTINHO, 1999, p. 114). A graça, como diz Fitzgerald é: “é o poder divino atuante e, conseqüentemente, presente no mundo, dela dependem completamente as próprias operações das criaturas” (FITZGERALD, 2019, p. 463).

Etiénne Gilson chama este estado de graça, um estado de retidão, de amor “*impertubatus*”, do qual e para qual o homem criado por Deus gozava de uma perfeita subordinação do seu corpo de sua alma como um dom gratuito do criador, sobre estes privilégios devido ao estado da graça ele diz, “Tratava-se de um estado de paz perfeita, pois sendo criada a imagem e semelhança de seu criador encontrava-se então em harmonia” (GILSON, 2007, p. 280), por isso que Agostinho diz, que o homem foi criado reto para viver em conformidade com o seu autor e não em conformidade consigo mesmo, isto é, fazer antes a vontade de Deus do que a sua própria, sendo assim este estado de graça permitia aos homens, estar isento de misérias, sofrimentos, não as teria experimentado, se o primeiro homem tivesse permanecido em justiça e santidade, como diz Etiénne Gilson:

Antes do pecado o homem levava o amor pacífico por Deus, amando a Deus sem esforços, o homem não cometia pecado algum, não estava submetido a nenhum mal, a nenhuma dor, nenhuma tristeza, ele era, portanto, incorruptivo e imortal. Além deste estado de paz perfeita (*summa in carne sanitas, in anima totatranquilitas*), o primeiro homem desfrutara de uma luz clara em seus pensamentos (GILSON, 2007, p. 231).

Assim continua. Agostinho “O primeiro homem podia não pecar, podia não morrer” (AGOSTINHO, 1999, p. 68), portanto, dotado da “graça original” preenchido pelos tesouros celestes, cabia ao gênero humano através de seus primeiros pais, apenas uma coisa, perseverarem no estado de submissão ao criador. Uma leitura mais literal da escritura e um exame rigoroso das implicações das práticas eclesiais demonstram claramente: “a necessidade da graça por parte da humanidade em seu estado de queda” (FITZGERALD, 2019, p. 464).

2 A queda do gênero humano “o pecado original”

Nas Sagradas Escrituras, mas exatamente no livro do Gênesis, o princípio de tudo encontramos a investida da serpente sobre os nossos primeiros pais, Adão e Eva (Gn 3, 1). Neste relato vemos o diálogo sedutor do mais astuto de todos os animais que envolverá aqueles que foram criados a imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26), resultando em uma queda de seu estado de graça original, a serpente, para lançar seu veneno, faz uma pergunta: “É verdade que Deus vos disse: Não comereis nenhuma árvore do jardim?” e desta forma lança sobre o homem e a mulher o início de sua sedutora intenção, a de fazer com que o homem descumprisse a ordem dada por Deus a ele: “E o Senhor Deus ordenou ao homem, podes comer de todas as árvores do jardim, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; pois no dia em que dela comeres, decerto morrerás” (Gn 2, 16-17).

Sobre este personagem bíblico, a serpente, diz Santo Agostinho; “Em resumo, alguns anjos, cujo líder se denomina diabo, voluntariamente se rebelaram contra Deus.” (AGOSTINHO, 1999, p. 65), sim esta revolta, segundo os textos sagrados, nos mostra a astúcia deste ser pervertido e perversor, inimigo do gênero humano, e é o próprio Salvador que mais tarde dirá, “Ele veio para roubar, matar e destruir” (João 10,10), e é homicida desde o princípio (João 8,44), assim, continuando sua investida sobre o homem diz; “De modo algum morrereis, pelo contrário, Deus sabe que, no dia em que deles comeres, vossos olhos se abrirão, e serão como Deus, conhecedores do bem e do mal” (Gn 3,4-5).

Portanto, após esta transgressão, sabemos que o homem perderá o estado da “graça original”, cometendo assim o que chamamos de “pecado original”, Santo Agostinho dizia que, este foi, com efeito, o pecado do primeiro homem, que deu origem ao mal para todos os homens, Adão era livre para abster-se do mal ao qual se apegou, pois não havia ainda vício algum pelo qual a carne lutasse contra o espírito, comentando a queda de Adão e Eva.

Contudo, vai dizer Santo Agostinho “A imagem de Deus não foi destruída na alma humana” (AGOSTINHO, 1999, p. 72), porém, o mesmo santo trás com clareza as consequências desse ato, ele cometeu um pecado cuja gravidade não pode medir nem apreciar sua enormidade aos olhos de Deus nos foi revelada por testemunhas fidedignas pela Sagrada Escritura, e pela própria miséria do gênero humano transmitida pelo pecado a todos os descendentes por justo juízo de Deus, sim, para Agostinho, o problema deste pecado original é o estado de graça e liberdade que o ser humano gozava, pois Adão tinha totais condições de não cair neste delito contra Deus, a apostasia do primeiro homem, em que a liberdade do querer era

absoluta, sem impedimento de vício algum, foi o pecado tão grande, que a ruína vinda dele afetou toda a natureza humana.

Para Agostinho, de certa forma estávamos todos em Adão, ele era uma figura corporativa do gênero humano, para o santo doutor é tão claro isto que seria como dizer “éramos em Adão”, de maneira que neste primeiro pai, englobava toda a humanidade, de maneira que, nesta unidade, seu fruto seria a humanidade, para Agostinho, todos estávamos em Adão pecador quando pecou, e pela natureza e gravidade deste pecado, toda a natureza humana se tornou viciada, como demonstra o estado de miséria de todo o gênero humano, e este pecado alheio se tornou nosso mediante a uma funesta sucessão, assim diz o Apóstolo Paulo quando escreve sua carta aos Romanos; “por um só homem o pecado entrou no mundo” (Rm 5,12).

Mas, precisamos retornar ao texto sagrado para verificar de fato o que o Criador disse se o homem ocorresse no erro em desobedecê-lo:

O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para cultivá-lo e guardá-lo. E o Senhor Deus ordenou ao homem: Podes comer de todas as árvores do jardim, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; pois no dia em que dela comerdes, decerto morrerás (Gn 2,15-17).

Segundo as Sagradas Escrituras existe uma pena prevista por Deus se Adão e Eva transgredissem sua lei, e esta pena seria que, de agora em diante o ser humano deveria conhecer a morte, assim comenta Santo Agostinho: “o primeiro homem podia não pecar, podia não morrer, podia não deixar o bem” (AGOSTINHO, 1999, p. 68), e em outra passagem, que se perseverasse em seu estado de “graça” original não passaria pela morte e nem pelas “desgraças”; “Se tivesse querido permanecer neste estado de retidão e inocência fazendo bom uso da sua liberdade, sem experimentar a morte e a desgraça, receberia a plenitude da felicidade igual a dos santos anjos, ou seja, jamais poderia cair, e disso teria absoluta certeza” (AGOSTINHO, 1999, p. 66), portanto, uma das penas dada por Deus ao gênero humano devido a sua culpa perante pecado original cometido é a morte, para Agostinho, esta não pertence à natureza de Adão, mas sim é uma consequência de sua transgressão.

Contudo, esta pena que o gênero humano terá que se conformar, ou seja, a morte, pode dividi-la em dois tipos, segundo as Sagradas Escrituras isso fica notável, uma seria a morte temporal, que está relacionada ao corpo animal, que é fruto do seu pecado original, e a outra, seria a morte eterna, na qual percebemos que é dada ao anjo decaído devido ao seu abandono de Deus. Mas seria esta única pena dada por Deus ao gênero humano por ter pecado contra as normas pré-estabelecidas na criação? Agostinho vai associar ao erro original duas consequências, a concupiscência e a ignorância, assim comenta Étienne Gilson:

Dado que estes dois vícios tinham sido excluídos por Deus na natureza humana tal como ele a havia concebido, pode-se dizer sem exagero que, pela vontade má do primeiro homem, a natureza humana encontra-se mudada. No lugar da ciência de que Adão desfrutava sem ter que adquiri-la, a ignorância presente a qual tentamos penosamente sair; no lugar da maestria exercida pela alma sobre a carne, a revolta do corpo contra o espírito.

Essas desordens são os pecados, tal como foi o ato do qual elas decorrem, são elas, o pecado original, prolongando-se nas consequências que ele engendrou e que, neste sentido, também são ele! (GILSON, 2007, p. 286-287).

Então de agora em diante, o ser criado à imagem e semelhança por Deus (Gn 1, 27) tornara-se um ser mortal, necessitando doravante da graça divina para não ocorrer no perigo de uma morte eterna, como diz as Sagradas Escrituras “Depois o Rei dirá aos que estiverem a sua esquerda: Afastai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno, preparado para o diabo e para seus anjos, pois eu estava com fome, e não me deste de comer; com sede, e não me destes de beber; eu era forasteiro, e não me recebestes em casa; nu, e não me vestistes; doente na prisão, e não me visitastes” (Mt 25, 41-45), e também debilitado em sua inteligência, antes plena, agora inculpada a ignorância, não podendo contemplar plenamente a verdade, como bem diz o livro da Sabedoria; “Pois sou teu servo, filho de tua serva, homem frágil e de vida breve e incapaz de compreender a justiça e as leis.” (Sb 9,5), portanto, agora o homem se tornará completamente dependente da graça Divina.

3 A recriação do gênero humano. Maria nova Eva, Cristo novo Adão

O Dogma da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, foi promulgado pelo então Romano Pontífice Pio IX, em 8 de dezembro de 1854, um de seus defensores, o Beato João Duns Scotus dizia; quando Deus criou o homem, viu que ele iria cair, então enamorou Maria Santíssima. Sim, Maria Santíssima para os Santos Padres, e também para muitos santos, “é a maior armadilha que Deus preparou para Lúcifer e seus anjos apóstatas” (MONFORT L., 2018, p. 35).

Por isso os Santos Padres a chamam de nova Eva, São João Damasceno dizia assim:

Maria é a filha santíssima de Joaquim e Ana que escapou dos dardos inflamados do maligno, que ela é um novo paraíso, onde a serpente não tem entrada furtiva, ela é isenta da dívida da morte, que é uma consequência do pecado original, ela devia, portanto, ser isenta da ruína comum (GARRIGOU, 2019, p. 44).

E dizia o apóstolo de Maria do século XVII: “Junto com os Santos, digo que a divina Maria é o paraíso terreno do novo Adão” (MONFORT, 2018, p. 14).

São João Crisóstomo vai dizer que:

Cristo venceu o demônio com as mesmas armas que ele usou contra nós, uma virgem, uma árvore, e a morte. Esses sinais da nossa morte tornaram-se agora os sinais da nossa vitória. Em vez de Eva, há Maria, em vez da árvore do conhecimento, há o madeiro da cruz e, em vez da morte de Adão, há a morte de Cristo (HAHN, 2015, p.42).

Portanto, começamos entender o porquê a tradição cristã aponta para Cristo como novo Adão e Maria como nova Eva, então, poderíamos fazer uma analogia com o proto-evangelho e dizer que esta interpretação patrística seria assim, no Antigo Testamento, houve Eva, Adão a árvore da vida, que pela desobediência é perdida, entrando a morte, e Deus, para resolver isso, envia um novo arcanjo, no proto-evangelho a serpente, Lúcifer, o antigo homicida, no anúncio messiânico Gabriel (Lc1, 26-27), Deus troca Eva por Maria, sim, esta agora é a Nova Eva, e Adão será trocado por Cristo, o Novo Adão, e então para cumprir as profecias, a árvore da vida do livro da criação, será trocado pela Cruz de Cristo, sim, o lenho da cruz, como cantamos nas vésperas da exaltação da Santa Cruz: “Do Rei avança o estandarte, fulge o mistério da cruz, onde por nós foi suspenso o autor da vida Jesus” (ORAÇÃO DAS HORAS, 2004, p. 1364), assim, a morte é vencida pelo autor da vida.

Como proclamou a igreja através do Concílio Vaticano II:

[...] a virgem Maria, que anunciação do anjo recebeu o verbo no coração e no seio, deu ao mundo a Vida. É honrada e remida de um modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu filho, é unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, Filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo. Leva vantagem a todas demais Criaturas do céu e da terra. E saudada como membro eminente e singular da igreja (L.G 53).

Voltando o olhar aos escritos dos Santos Padres encontramos frequentemente, a comparação de Eva e Maria, Adão e Jesus, vejamos o que diz Santo Efrem: “Todas as duas são na origem inocente e simples, mas em seguida Eva se torna causa da morte e Maria causa da vida” (GARREGOU L., 2017, p. 45), e ainda sobre Jesus diz o mesmo Padre da Igreja: “Vós Senhor, e vossa mãe, são os únicos que são perfeitamente belos sob todos os aspectos, em vós não há falta alguma, e em vossa mãe não a mancha alguma, os outros filhos de Deus não se aproximam desta beleza” (GARREGOU, 2017, p. 45).

Mas, vamos recorrer a Agostinho e analisar o que ele entendia por este divino mistério da encarnação do Verbo de Deus, que quis habitar no meio de nós (João 1,14):

Assim como por uma mulher a morte veio até nós, a vida vem a nascer para nós, por meio de uma mulher. De tal forma que, por uma e outra natureza, isto é, a feminina e a masculina, o demônio havia de ser vencido e atormentado.

Ele que se alegra pela ruína de ambas as naturezas (AGOSTINHO, 2019, p. 31).

É belíssimo o comentário, do mesmo santo doutor sobre o salmo 18, 6:

Desceu até nós a nossa vida. Tomou sobre si a nossa morte. Exterminou-a com a superabundância de sua própria vida. Com voz de trovão, chamou-nos para que voltássemos até ele, neste santuário misterioso, de onde veio até nós. Entrou primeiramente no seio da Virgem, onde se uniu a natureza humana à nossa carne mortal, a fim de torná-la imortal. E de lá, como um esposo que sai da câmara nupcial, exaltou como um herói para percorrer o seu caminho (AGOSTINHO, 2019, p. 34).

Mas precisamos voltar às fontes primárias, ou seja, as Sagradas Escrituras, pois está é fonte onde a Igreja, seus sucessores, os santos padres, os santos em sua história, se apoiaram para iluminar os de nossa fé; pois ela é lâmpada para nossos pés, luz para os nossos caminhos (salmo 119,105), como diz o Concílio Vaticano II “com efeito, nos Livros Sagrados, o Pai que estas nos céus vem amorosamente ao encontro do seus filhos, a conversar com eles, e é tão grande a força e virtude da palavra de Deus” (DV 21). E o que está diz sobre a nova Eva? Assim diz o texto sagrado; “Todas as gerações desde agora, me chamarão de Bem-Aventurada” (Lc 1,48s), mas por quê? Continua o texto Sagrado; “Porque o poderoso fez por mim grandes coisas”. “Santo é o seu nome...” (Lc 1,49), sim, por ordem Divina, ou seja, aquele que tudo é, bem como disse a Moisés, “Eu sou aquele que sou” (Ex 3,14) enviou, o arcanjo Gabriel a humilde Maria, para fazer uma proposta a ela, esta humilde jovem de um povoado escondido, porém de uma raça eleita, para ser a mãe do Salvador (Lc 1, 26-38), e assim inicia um processo de re-criação do gênero humano, ou seja, criados por Deus, a sua imagem e semelhança (Gn 1,26), e re-criados por Cristo em sua páscoa sagrada que por nós foi imolado (Is 7,14), neste aspecto disse o Concílio Vaticano II: “a esta luz, Maria encontra-se já profeticamente delineada na promessa da vitória sobre a serpente (Gn 3,15)” (L.G 55).

São Bernardo de Claraval, o doutor melífluo, contemplando este mistério, julga ver uma contenda entre a justiça, e a misericórdia divina. “Estou perdida, diz a justiça, se Adão não for punido. Estou perdida, diz por sua vez a misericórdia, se o homem não obtiver o perdão. O Senhor põe fim a essa contenda: morra um inocente, diz ele, e salve-se o homem da pena de morte, em que incorreu”. (LIGÓRIO A., 1942, p. 7). Assim, com a maternidade Divina em Maria, esta que os Santos Padres chamaram de “Aurora terrível como exército em ordem de batalha” (Ct 6,46), se tornará, o leito nupcial para a trindade santa fecundar nela (Lc 1,35), aquele que desde a eternidade, como observamos anteriormente estava ordenado para adentrar o seu ventre, e assim se tornar a mãe do salvador, então buscamos em Santo Agostinho para

compreendermos melhor este mistério de fé”. *“In sole posuittabernaculum suum. Et ipse tanquam sponsus procedens de thalamo suo”* (Sl 18,6), assim ele comenta o salmo: “Essas palavras significam que o Verbo, como o esposo, ao se fazer carne, encontrou no seio Virginal de Maria o seu tálamo. Saiu dela como de puríssimo leite, o mais humilde de todos, por sua majestade e por poderio” (AGOSTINHO, 2019, p. 56).

Agora começamos perceber de fato, que Deus nos amou, antes da fundação do mundo (Ef 1,4), e pré-ordenou, mesmo antes da Criação de tudo, um novo Adão e uma nova Eva, mas é incansável, observar o que os Santos Padres escreveram sobre estes, novamente buscamos em Santo Agostinho, e queremos fazer sua voz ecoar sobre este mistério, e permitir que a nossa geração e as futuras saibam com maestria, sobre este mistério de Deus derramando em nossa humanidade:

É o mais belo dos filhos dos homens (Sl 44,3), Para nós que temos fé, o esposo deve parecer-nos belo, em toda a parte. Belo, em sua qualidade de Deus. Belo no seio da Virgem, onde, sem perder a divindade, assumiu a humanidade. Belo, o Verbo nascido criancinha, um pequenino. Belo, ao ser amamentado, sendo levado aos braços. Os céus lhe falaram; os anjos cantaram os seus louvores; uma estrela conduziu até ele os magos; e foi adorado pelos pastores no presépio. E em todo tempo, quis ser alimento dos mansos. Logo, ele foi belo no céu e belo na terra. Belo no seio de sua mãe; belo nos braços de seus pais; belo em seu milagre e belo sob os açoitados, belo ao convidar os homens à vida, e belo não se preocupando com a morte, belo quando entregou sua alma, belo quando retomou belo sobre o lenho da Cruz; belo no sepulcro e belo no céu (AGOSTINHO, 2019, p. 58).

Assim, o mais belo de todos os homens através do seio virginal de Maria Santíssima, por ordem divina veio ao mundo fazendo assim, de sua vida, a vida de Maria, uma explosão de graças.

No século XVII, o grande santo e amante de Nossa Senhora, São Luiz Maria G. de Montfort vai dizer que; “Deus Pai Criou todas as águas, o qual chamou de mar e criou todas as graças, e deu um nome, Maria” (MONTFORT L., 2018, p. 22), o mesmo santo em outra obra chega a afirmar: “Deus a escolheu para tesoureira, ecônoma, e dispensadora de todas as graças e dons passam por suas mãos” (MONTFORT L., 2018, p. 31), e continua, pois; “Só Maria encontrou graça diante de Deus, não só para si, mas para cada homem em particular” (MONTFORT L., 2019, p. 31). Agora, a nova Eva, dando sim a Deus, dizendo: “Faça-se em mim segundo a sua palavra” (Lc 1, 38), permite que o novo Adão remisse a humanidade no madeiro da cruz, tornando-se a rainha das graças na história da humanidade.

4 Alegria-te cheia de graça

“Encontraste graça junto de Deus” (Lc1, 30b), é desta maneira que o Arcanjo Gabriel explica a Maria o motivo de sua visita, sua saudação, com um pedido para que ela se alegrasse (Lc 1, 28b), segue de uma palavra que ecoará séculos a fora outorgando a importância desta mulher nesta visita messiânica: “cheia de graça” (Lc 1, 28), sim, a mais bela entre todas as mulheres, a mais perfeita das criaturas humanas, preservada pelos méritos de Cristo, imune da mancha do pecado original, é saudada por um Arcanjo do trono celeste como cheia de graça, por isso, deste momento histórico, este marco da humanidade, a tradição cristã a chamará de “Trono da Graça”.

Esta saudação angelical remete ao antigo testamento com o convite que os profetas fizeram a todo o Israel para se alegrar como vemos em Zacarias: “Exulta e alegra-te, filha de Sião, por que eis que venho e habitarei em teu meio” (Zac 2, 14), sim Deus já havia dito pela boca dos profetas que habitaria no meio de seu povo, este convite à alegria denominamos de “alegria messiânica” e conseguimos então entender o que o apóstolo João proclama em seu evangelho: “e a Palavra se fez carne e veio morar entre nós” (Jo 1, 14).

Mas, queremos observar as Sagradas Escrituras para poder aprofundar ainda mais a saudação angelical a Maria Mãe do Salvador, e por isso tomamos a pesquisa do biblista professor Bindella para elucidar ainda mais o “cheio de graça” (Lc 1, 28) proferido pelo arcanjo. O autor, ao analisar o texto grego, observa uma importante pista a seguir, logo no versículo 28, onde em nossas traduções diz que:

Entrando onde ela estava” (Lc 1, 28), traz uma referência ao espaço físico onde ela se encontrava, contudo, diz o biblista “o original grego trás o particípio *aoristo eiselthon* do verbo *asérchomai*, o verbo significa, vir em, entrar, penetrar (*eis + érchomai*) e o particípio é seguido da preposição *prós* com o acusativo do pronome pessoal (*prós autên*) que exprime ideia de relação, direção, direta intencionalidade (BINDELLA, 2004, p.72).

Portanto, afirma o pesquisador que uma boa tradução seria: “Entrando (vindo) o anjo, em relação a ela” (ou para ela), como bem traduz a vulgata “*etingressusAngelus ad eam*” (Lc 11, 28), não está relacionado ao espaço físico onde ela estava, e sim, relacionado a ela mesmo, o espaço físico por ela representado, assim podemos concluir que o grego e a vulgata deixa a entender que, a vinda do arcanjo no anúncio, é uma vinda de forma espiritual e mística nela” (BINDELLA, 2004, p.72).

Retornamos ao pesquisador bíblico já citado, professor Bindella, para usufruir de sua pesquisa e aproveitar suas explicações, diz ele: “no texto grego, a palavra *Kháire*, geralmente é assumida no valor de uma fórmula de saudação: Salve! Ou Ave que representa a forma

imperativa do verbo *Káiro* que significa alegrar-se muito” (BINDELLA F., 2004, p. 73 e 74), e continua o pesquisador, “no grego, Kekharitôméne é uma forma verbal do verbo *Kharitoô*, de *Kháris* que é igual à graça, que significa colmar, encher, tornar cheio de graça, com ideia de plenitude. O verbo tem valor causativo, supondo um sujeito autor deste enchimento de graça, e este sujeito suposto, apesar de inexpresso, parece sem dúvida ser representado por Deus” (BINDELLA, 2004, p. 73-74).

E ainda diz o autor:

A forma verbal é um particípio perfeito passivo que designa uma ação que aconteceu no passado, mas cujo efeito permanece no presente e continua a permanecer projetando-se no futuro. Na forma mais própria, acreditamos, e completa no desenvolvimento de todo o significado suposto nesta específica forma verbal, Kekharitôméne poderá ser assim traduzido: Você que tem sido (no passado), que é (no presente) e que continua a ser (pelo futuro), colmada do dom da graça (aliás: dom de si mesmo) por parte de Deus (BINDELLA, 2007, p. 74).

Ao analisarmos o Magnífica, logo no versículo 47 diz Maria: “Meu espírito exulta em Deus meu Salvador” (Lc 1,47), em uma breve análise semântica do verbo “ἠγαλλίασεν” em português, “exulta”, que seria no sentido médio (alegria) em sua forma depoente posterior de “ἀγαλλομαι”, no mesmo sentido ser exuberante e alegre, alegrar-se, exultar, agir. Seria uma ideia de, eu sento e expresso uma alegria suprema, eu me alegro, regozijo excessivamente, sou muito feliz. Portanto assim se encontrava a alma de Maria após a visita messiânica o anúncio do Arcanjo Gabriel.

Portanto, começamos a observar que a saudação angelical do: “Alegra-se cheia de graça” traz-nos um cumprimento das promessas de Deus, em seu amor pelos homens dando o seu filho unigênito a nós através desta mulher, como bem vai perpetuar o Sagrado Concílio Vaticano II: “A Virgem Maria, que na anunciação do anjo recebeu o Verbo de Deus no seu coração e seu corpo, e deu a vida ao mundo, é reconhecida e honrada como verdadeiramente mãe de Deus e do Redentor” e mais adiante diz: “Por esta razão é também saudada como membro supereminente e absolutamente singular na Igreja...” (LG, 1985, p. 53).

Considerações finais

Depois de compreendermos que a graça divina é dom gratuito de Deus, que este vem em auxílio do gênero humano agora recriado em Cristo novo Adão, e assim tornando sua criatura, filhos no filho, agora participantes da Glória Divina, como bem escreveu Santo Agostinho: “Deste modo, com o penhor da graça recebida gratuitamente, anseie aderir ao

criador e anele vivamente aproximar-se da participação daquela luz verdadeira” (AGOSTINHO, 1998, p. 23), queremos compreender como atuou esta graça em Maria.

Muitos teólogos entendem que esta graça em Maria não cessou de crescer no percurso de sua vida e até mesmo em sua morte e assunção. Na vida de Maria houve três estágios de graça: “primeiro, a plenitude inicial” (GARREGOU L., 2017, p. 39), e qual seria este estágio? Seria a concepção no útero de Ana, pois Deus preserva a Bem Aventurada Virgem Mãe de Deus pelos méritos de seu único filho Nosso Senhor Jesus Cristo de toda a lama do pecado como ensina o dogma de fé proclamado por Pio IX: “Assim ela, sempre e absolutamente livre de toda mancha do pecado, toda bela e perfeita...” (DENZINGER, 2007, p. 614). O segundo estágio seria no instante a concepção do Salvador (Lc1, 26s), onde se encontra a plenitude da graça e santificação para o cargo a ela confiada. E por fim o terceiro estágio da graça ou também chamada plenitude final, o “privilégio” de sua assunção e a extensão das graças.

Além de entendermos sobre estes estágios na vida de Maria, precisamos compreender o papel desta e também suas distinções, pois compreendemos que o homem é dotado de uma “graça habitual” que o torna filho, sim, já mencionado anteriormente, filhos adotivos, e também a “graça transitória” esta que nos dispõe a ser este filho, nos dando condição de sê-lo. Assim explica Tanquerey:

É um auxílio sobrenatural e transitório que Deus nos dá para iluminar nosso entendimento e fortalecer a vontade na produção nos atos sobrenaturais, ela nos ilumina sobre a malícia e os terríveis efeitos do pecado, para fazermos detestá-lo [...] e mostra-nos a luz da fé, a beleza infinita de Deus e sua bondade misericordiosa para fazermos amá-lo de todo coração” (TANQUEREY, 2018, p. 124).

Então podemos nos questionar como atuou esta graça em Maria? Para dar luz a esta questão podemos novamente olhar aos Padres da Igreja, assim dizia santo Alberto Magno: “A Virgem Maria, mesmo do ponto de vista natural, reuniu a graça de Rebeca, a beleza de Raquel e a doce majestade de Ester” (GARRIGOU L., 2017, p. 38). As graças em Maria diz Garrigou:

É desta graça, gérmen da glória, que fala o anjo, na palavra dirigida a Maria, Salve cheia de graça, e o anjo dever ter visto que, apesar de ele mesmo possuir a visão beatífica, a virgem santa que ele saudara tinha um grau de graça santificante e de caridade superior a ele, o grau que convinha para que ela se tornasse naquele mesmo instante a digna mãe de Deus (2017, p. 37).

Então começamos a ter uma maior clareza sobre a ação divina das graças em Maria, agindo em estágios diferentes, e percebe-se que, agora no instante do anúncio, o Arcanjo Gabriel, vê claramente que ela estava repleta de uma potência divina agindo em sua vida, e

consequentemente a inundando com inúmeras graças, de fato mais tarde como proclamará a *Bula Ineffabilis Deus*, aquela que está repleta dos tesouros celestes.

Portanto, o que aconteceu na saudação angelical perpassa a nossa compreensão e, como bem vimos anteriormente, é um fato que ocorreu na história, está ocorrendo e passará ainda a acontecer no futuro. A sã doutrina, em seu Sagrado Magistério entende que estas graças estavam pré-estabelecidas para habitar em Maria, mesmo antes de sua concepção no ventre materno. Na *Bula Ineffabilis Deus*, assim nos apresenta o magistério:

O Deus inefável, desde o princípio e antes dos séculos, escolheu e predestinou para seu Filho unigênito uma mãe da qual nascesse, feito carne, na bem aventurada plenitude dos tempos, e a acompanhou com tão grande amor, de preferência a todas as criaturas. Por isso admiravelmente a acumulou, mais que todos os espíritos angélicos, e todos os santos, com a abundância de todos os carismas celestes, haurida do tesouro da divindade (DENZINGER, 2007, p. 614).

É por estes fatores inquestionáveis diante da história da humanidade que envolve a humilde Maria, que o Sagrado Concílio Vaticano II vai saudá-la como “membro supereminente e absolutamente singular da Igreja”. (LG, 1997, n. 53).

Este estado de graça, devido à isenção do pecado original, doutrina já exposta anteriormente vai apontar que o antigo adversário, inimigo do gênero humano, nunca encontrou em Maria, nada que fosse dele, assim diz Gabriel Roschini (1960, p. 116): “Ela estava a ser destinada a ser o palácio real em que haveria de habitar seu divino Filho, a ser o paraíso terrestre do novo Adão”. E continua o mesmo autor falando do singular papel de Maria: “Deus onipotente preparou, com cooperação especial do Espírito Santo o corpo e a alma gloriosa da Virgem Maria, para que se tornasse uma morada de seu divino Filho” (ROSCNINI G., 1960, p. 116). Então começamos a compreender melhor que esta digna morada que Deus quis habitar (Jo 1, 14) foi, é, e sempre será um ícone da graça de Deus.

Referências

Fontes:

BÍBLIA SAGRADA, Brasília: CNBB, 2019.

Documentos do Magistério Eclesiásticos:

PAULO VI. Lumen Gentium: Constituição dogmática sobre a igreja, 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.

PIO IX, **Bula “Ineffabilis Deus”, definição do dogma da Imaculada Conceição**, 8 de dezembro de 1854, Dz 2800-2804, São Paulo, Paulinas e Loyola.

Autores:

AGOSTINHO, S. *A Virgem Maria, cem textos Marianos com comentários*. São Paulo, Paulus, 1996.

AGOSTINHO, S. *A Graça (I)*. São Paulo, Paulus, 1998.

AGOSTINHO, S. *A Graça (II)*. São Paulo, Paulus, 1998.

BINDELLA, F. *Fome da Palavra*. Salvador, Edições São Bento, 2004.

GILSON, É. *Introdução à vida de Santo Agostinho*, São Paulo, Paulus, 2006.

HAHN, S. *O livro do Gênese*, Campinas, Ecclesia, 2015.

LAGRANGE, G. *A mãe do Salvador*, Campinas, Ecclesia, 2017.

LÍGORIO, S. *A encarnação do verbo*, São Paulo, Imaculada, 2010.

MONTFORT, S. L. M. G. *Tratado da verdadeira devoção*, São Paulo, Paulus, 2017.

ROSCHINI, Gabriel, *Instruções Marianas*, São Paulo, Paulinas, 1960.

TANQUEREY, A. *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, Campinas, Ecclesia, 2018.

Recebido em: 03/05/2024

Aprovado em: 12/06/2024